

# Choque e revolta

◆ Memória de um acto para a história

N. do terrorismo do "apartheid" 19/8/82

Eram cerca das 16.30 horas quando, na última terça-feira, se deu a violenta explosão que causaria a morte de Ruth First. Esta encontrava-se no seu gabinete de trabalho no Centro de Estudos Africanos da Universidade «Eduardo Mondlane», em Maputo. Junto com ela estavam ainda Aquino de Bragança, Brigett O'Laughlin e Pallo Jordan.

Em redor de uma mesa trocavam impressões, enquanto aguardavam o momento de saírem para uma outra sala, onde iriam participar na festa de despedida de um colaborador do CEA, e bem conhecido sociólogo canadiano e amigo de longa data da FRELIMO, John Saul. Saul depois de leccionar durante um ano na Universidade Eduardo Mondlane preparava-se para partir de regresso ao seu país, onde conta passar alguns meses, antes de retornar à República Popular de Moçambique.

Para a sua festa de despedida, contava-se com a presença de alunos, professores e outras entidades do corpo directivo da UEM. Com excepção da movimentação em torno da festa, tudo indicava ser uma tarde igual a outras, na vida daquela instituição universitária moçambicana. Até que rebentou o estrondo da violenta explosão de uma bomba assassina que lançaria o luto e a destruição. Ruth First, a militante sul-africana de toda uma vida ao serviço do seu povo, de um longo itinerário de luta contra o apartheid, teve morte instantânea.

Da sala onde deflagrou o engenho criminoso, saiu em sangue a professora Brigett O'Laughlin, pedindo «ambulância ambulância». A entrada, parara o seu colega do Centro, o Professor Mark Wyatts, de nacionalidade belga, que a explosão surpreendeu quando ia juntar-se aos seus companheiros. Não sofreu nenhuma lesão, mas, ao verificar o sucedido com os seus camaradas, entrou em estado de choque, sendo posteriormente conduzido para sua casa.

Os estilhaços do vidro das janelas da sala voaram até vários metros de distância. Material do gabinete e as paredes, ficaram danificados. Daí a pouco, o corredor que dá para o escritório de Ruth First beetle um longo tapete sepiado de sangue dos feridos, que foram levados de urgência para o Hospital Central de Maputo.

A explosão deixou surpreendidos

e perplexos todos os que naquele momento se encontravam na Universidade e perto dela. «Primeiro ouviu-se um forte tremor e depois uma violenta explosão», testemunha João Adamo, monitor de História na Faculdade de Educação. Ao local acorreram vários alunos, professores e outro pessoal da Universidade Eduardo Mondlane. Entretanto, quando a nossa reportagem chegou a aquele lugar encontrou para além dos já citados, equipas médicas do Hospital Central, responsáveis da Polícia de Investigação Criminal, sendo de destacar a presença dos dois responsáveis máximos do Interior e da Segurança ao nível do Executivo moçambicano. Assim, lá estavam os Majores-Generais Mariano Mutsinhe e Jacinto Veloso, acompanhados de Raposo Pereira, Vice-Ministro do Interior, e de Fernando Ganhaço, Rector da UEM.

Visivelmente emocionados, alguns em silêncio ouca se fala a surpresa e a revolta, os presentes na esquadria, no pátio de entrada para as instalações do CEA e em outras partes em redor, comentavam o acto brutal e traiçoeiro. Nas palavras ou no silêncio revoltado, sublinhava-se a denúncia do Inimigo racista e dos seus agentes e também o sentimento de que é preciso ceifar a nossa vigilância. Alguns recordavam a intelectual e militante de grande relevo que foi Ruth First. — Ainda hoje a via a atacar na Casa do Sol, com Aquino de Bragança e com os outros, dizia um dos presentes.

Entretanto, já no Hospital, os feridos na sequência do acto terroristar receberam a visita de membros do Partido e do Governo moçambicano. Estiveram lá para além de outras dirigentes referido, anteriormente, Graça Machel, Ministra da Educação e Cultura, Luis Bernardo Honwana, Secretário do Estado da Cultura, e o Major Nacional António Maria Tital, Presidente do Conselho Executivo da Cidade de Maputo.